

## José Rodrigues – desenhando lugares, ligando histórias e mares

Maria Leonor Barbosa SOARES

Propomos como objecto de análise dois espaços públicos, em contexto urbano e com um rio no horizonte, interpretados por José Rodrigues: a Praça D. João II, em Vila do Conde e a Rotunda da Amizade, com o monumento *A Pérola*, em Macau<sup>1</sup>.

Como espaços públicos entendemo-los *em processo*, quotidianamente construídos. Pela força das formas e das imagens, pela relação íntima com a paisagem natural, tornam-se cenários flexíveis e acolhem desejos e interrogações. Lugares de experiências sociais mais ou menos alargadas, permitem também a contemplação e a interpretação individual e solitária.

Da configuração proposta resultam um conjunto de impressões que suscitam entradas em vários níveis de significado. Nesse discurso poético em formulação, cabem a experiência do corpo, das formas escultóricas e da natureza, a memória colectiva e a memória individual.

Recorremos ao conceito de *meta-espacialidade* proposto por Rosário Assunto e Hervé Brun<sup>2</sup>. Pensamos que também nestes casos é possível falar de uma “finitude aberta” que decorre da contemplação e da vivência do lugar: o curso dos rios, os sons da água, as formas escultóricas, o corpo que percorre e sente o espaço, mas também a comunicação com o passado, o pensamento que pensa o acto de pensar e oferece a tonalidade dominante ao lugar.

Falamos, portanto, de dois tempos, percebidos em simultâneo: um, restrito ao corpo e à natureza e outro, alargado, tempo de evocações.

O carácter destes espaços surge assim como o resultado de uma condição material ligada à natureza, à dimensão física, à cidade; das suas funções e enquadramento, dentro da cidade; de um desenho organizador com consequências na sucessão de experiências sensíveis e intelectuais; dos sentidos que o tecido de existências, os contextos económico e cultural permitem criar; da interacção entre a “coreografia” proposta e a interpretação pessoal; da capacidade de sugerir outras interacções entre os domínios das experiências e vivências públicas e privadas; da capacidade de relacionar o passado, a memória histórica com o presente e a memória do presente.

<sup>1</sup> Dada a impossibilidade de uma deslocação a Macau, a aproximação à compreensão de *A Pérola* no espaço da Rotunda da Amizade baseia-se em informação indirecta. Para além dos comentários de José Rodrigues, foram fundamentais as fotografias cedidas por António Andrade e o seu conhecimento do lugar que generosamente partilhou connosco. No que se refere à Praça D. João II, agradecemos ao Arq<sup>o</sup>. Maia Gomes e à Prof. Doutora Amélia Polónia as explicações e informações disponibilizadas, em particular sobre o projecto “Viagem à Rosa dos Ventos” e sobre a História de Vila do Conde. Agradecemos igualmente a colaboração de Alfredo Vieira no acesso ao arquivo fotográfico e documental de José Rodrigues, auxílio precioso para o trabalho que temos vindo a realizar.

<sup>2</sup> ASSUNTO, Rosário – *Il paesaggio e l'estetica*. Referido in BRUN, Hervé (org.) – *Retour au jardin: Essais pour une philosophie de la nature, 1976-1987*; Rosário Assunto. S/l: Les Éditions de l'Imprimeur, 2003, p. 16.

É através do percurso do visitante que é conferido sentido a esse espaço. As várias sensações tornam-se um princípio de conhecimento. Efeitos formais e comportamentais múltiplos proporcionam novas leituras: do indivíduo sobre si mesmo, do indivíduo sobre a sua experiência sensível, do indivíduo sobre a sua resposta ou vontade, do indivíduo sobre a imagem de si.

Assim, podemos pensar em 3 níveis de percepção e de compreensão:

- **Espaços Físicos** – sendo a experiência sensível via para uma forma de conhecimento;
- **Lugares** – que, pela organização e sentido dentro do universo de referências do visitante, funcionam como dispositivos que o transportam para algures entre o espaço físico e a construção mental que provocaram, para um outro espaço que é o da memória;
- **Imagens** – que resultam da descoberta pessoal e da estratigrafia de significados revelados ao visitante através da sequência das impressões físicas. Os lugares como desejo. O momento e a natureza percebidos simultaneamente, mas individualizados, tornam-se, como diz Jacques Beauchard<sup>3</sup>, “matéria de vida”;

Chegamos à linha condutora desta reflexão, e ao esclarecimento do esquema de leitura que escolhemos, com o conceito de *Espaços – Possibilidades* explicitado por Dagmar Grimm-Pretner<sup>4</sup> e Jorge Mário Jáuregui<sup>5</sup>, adaptando-o, agora, a este objecto de estudo: valorizando as ilimitadas formas de fruição numa contínua descoberta.

## A Praça D. João II



Fotografia; Sérgio Curado

Visitamos a Praça D. João II e lembramos a noção de *Teatro da Memória*<sup>6</sup>.

Aproximando-nos da caracterização feita por John Dixon Hunt dos “jardins como teatros da memória”, pensamos que é possível utilizá-la como ponto de partida para a análise e modelo de compreensão neste estudo. De modo semelhante, a interpretação de José Rodrigues propõe uma narrativa e uma evocação de factos, motivos e agentes que formaram parte do tecido dessa identidade. Leva-nos a relacionar

<sup>3</sup> Diz Jacques Beauchard: “Une nouvelle symbolisation du territoire est à l’œuvre dont l’intérêt général pour le paysage est le grand témoin. [...] le retour du paysage, de l’espace et du lieu comme mode premier du désir, identifie la présence au monde, aux formes de la terre, de la mer et du ciel qui en retour transforment l’instant et la nature en matière de vie” in BEAUCHARD, Jacques – *La bataille du territoire: mutation spatiale et aménagement du territoire*. S/l: L’Harmattan, 2000, pp 12-13 – citado por BEAUDET, Gérard – *Urbanisation métropolitaine et mondialisation: pour un urbanisme du “vide”*. Cf. [www.uqac.ca/vsag2025/revue/urbanite01.pdf](http://www.uqac.ca/vsag2025/revue/urbanite01.pdf) (última consulta em Junho de 2005).

<sup>4</sup> GRIMM-PRETNER, Dagmar – *Public Parks and Squares in Viennese Urban Renewal Areas – Sites for Everyday life*. Palestra realizada no âmbito do tema Design for All do encontro *Open Space-People Space: an international conference on inclusive environments*, Edinburg Colledge of Art, Outubro de 2004. [www.openspace.eca.ac.uk/conference/proceedings/PDF/Grimm.pdf](http://www.openspace.eca.ac.uk/conference/proceedings/PDF/Grimm.pdf) (última consulta em Junho de 2005).

<sup>5</sup> JÁUREGUI, Jorge Mário – *Articulations Urbaines dans la Ville divisée*. [www.jauregui.arq.br/favelas\\_france\\_articulations.html](http://www.jauregui.arq.br/favelas_france_articulations.html) (última consulta em Junho de 2005).

<sup>6</sup> A noção de « teatro da memória » interessa-nos particularmente na medida em que é imediata a transmissão da ideia de que está pressuposta uma organização perfeitamente intencional do espaço – com o intuito de

todos os elementos visualmente presentes mas, também, activa associações e induz a procura de informação.

A zona da actual Pç. D. João II, com a pequena doca ao lado e os anteriores estaleiros um pouco mais a Este, remata a Sul a Alameda dos Descobrimentos, antigo lameiro.

Procuramos fios de ligação com a vida da cidade e compreendemos a forte componente no quotidiano da memória histórica e a sua importância para a identidade da comunidade: a situação de porto marítimo com actividade relevante no contexto expansionista português, a sua qualidade de entreposto comercial e o seu lugar na Rota do Mar do Norte, a capacidade construtiva do estaleiro naval, a contribuição das suas embarcações nas rotas ultramarinas, a sabedoria dos seus pilotos autores de roteiros de navegação<sup>7</sup>...

Muito perto, vemos a capela de N. Sr<sup>a</sup> do Socorro (que no desenho regista lembranças do oriente), mandada construir em 1603 por Gaspar Manuel<sup>8</sup>, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e piloto das rotas da China, Japão e Índia, autor do “Roteiro e advertências da navegação da carreira da Índia...” e compilador, em 1594, do “Libro universal das derrotas, alturas, longetudes e conhecenças de todas as navegações destes reinos de Portugal e Castella, Índias Orientaes e Occidentais”.

No século XVI, a qualidade da mão de obra nos estaleiros de Vila do Conde foi reconhecida e admirada, sendo requisitado, o seu serviço no Porto e em Lisboa, para satisfazer encomendas de particulares mas, também, encomendas da armada régia, de naus, zabras e galeões<sup>9</sup>.

Por outro lado, também ao nível das dimensões das embarcações se encarava a sua produção com confiança, tendo em conta as particularidades funcionais e organizativas, em situação digna, secundando a Ribeira das Naus de Lisboa<sup>10</sup>. Como refere Amélia Polónia, a “vocação preferencial para o transporte marítimo de longo curso” decorreu da capacidade técnica e produtiva dos estaleiros<sup>11</sup>.

Toda esta zona, depois da transferência dos estaleiros para a margem sul, sofreu progressiva degradação. Mas a ela está associada a projecção marítima e comercial de Vila do Conde – era a localização do cais de ligação com a margem sul, o lugar das duas alfândegas, do edifício da colecta da dízima do pescado, das azenhas usadas para moer os cereais, dos estaleiros<sup>12</sup>...

No âmbito da requalificação da zona ribeirinha de Vila do Conde e tendo em vista a preservação desta memória e a sua integração numa estratégia ampla de qualificação da

---

conseguir tocar o visitante e obter uma *resposta* – associada à ideia de extensão, da dimensão física do espaço em causa, podendo conter e relacionar vários “lugares de memória”. Sobre este tema, somos devedores das reflexões de John Hunt e José Guilherme Abreu, particularmente:

HUNT, John Dixon – *Les jardins comme Théâtres de la mémoire*. In MOSSER, Monique et NYS, Philippe (dir.) – *Le jardin, art et lieu de mémoire*. Vassivière-en-Limousin: Les Éditions de l’Imprimeur, 1995, pp 229-242.

ABREU, José Guilherme – *Arte Pública e Lugares de Memória*. Comunicação apresentada nas IV Jornadas LX-BCN (Barcelona, 10 -12 Março 2005), no âmbito do Tema III: Cidadania (12.03.2005). Agradecemos ao Dr. José Guilherme Abreu ter facultado a consulta do texto.

<sup>7</sup> POLÓNIA, Amélia – *Vila do Conde no período Manuelino – a reconstrução da memória*. In “...A Igreja Nova que hora mamdamos fazer”. Quinhentos anos da Igreja Matriz de Vila do Conde. Vila do Conde: Câmara Municipal, 2002, pp. 16-39.

<sup>8</sup> “Vila do Conde – memória e identidade de uma cidade marítima”. In *Voyage à la Rose des Vents*. Soumission de Vila do Conde, Portugal, pour les nouveaux PPU(s). Vila do Conde: Câmara Municipal, [1996-1997], p.29.

<sup>9</sup> POLÓNIA, Amélia – *Vila do Conde: um porto northeno na expansão ultramarina quinhentista*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1999, pp.336-349.

<sup>10</sup> Idem – *Ibidem*, p. 346.

<sup>11</sup> POLÓNIA, Amélia – *Vila do Conde no período Manuelino*...

<sup>12</sup> Idem, *Ibidem*.

cidade, foi preparada, em 1996, a candidatura do projecto “Viagem à Rosa dos Ventos” ao Urban Pilot Projects, iniciativa do European Regional Development Found para desenvolvimento sustentado de zonas problemáticas urbanas da União Europeia. Sendo o plano da responsabilidade do arquitecto Maia Gomes, o projecto contemplava várias acções específicas<sup>13</sup>:

- A reconversão da casa da Alfândega, a mais antiga alfândega régia, mandada construir por vontade de D. João II, em 1487, que viria em finais da década seguinte a ganhar autonomia em relação à alfândega do Porto. As instalações iniciais foram ampliadas e para lá passou a anterior alfândega particular dependente até cerca de 1552 <sup>14</sup> do Mosteiro de Santa Clara. O edifício, associado intimamente ao desenvolvimento da cidade, e com interesse histórico intrínseco, abrigaria agora a documentação histórica local dos séculos XV ao XVII.
- A criação de um Centro Documental da Navegação Quinhentista que disponibilizaria informação sobre a construção naval, sobre navegação e comércio, com ligação a outros centros de documentação nacionais e estrangeiros, e que articularia a sua actividade com um programa museológico específico no Museu da Construção Naval em Madeira;
- A construção de uma réplica em tamanho natural de uma nau do século XVI, a *Nau das Descobertas*, que permaneceria em doca seca, na zona dos antigos Estaleiros em frente ao edifício da Alfândega e que seria, em parte, utilizada como museu, disponibilizando informação variada relacionada com a navegação (desde a preparação da viagem, definição de objectivos, selecção e instrução da tripulação, resolução de questões de ordem técnica e instrumental até à manutenção e cuidados de saúde), em parte usada para a realização de eventos e exposições temporárias;
- A requalificação ambiental e urbana da frente ribeirinha. A Praça D. João II é englobada no tratamento dessa zona, cais e estaleiros, a pequena doca, uma das zonas chave para a compreensão da história da Vila.

Surgia, então, com a candidatura ao Urban Pilot Projects, a oportunidade de viabilizar o projecto já existente de José Rodrigues para uma praça de esculturas, Praça/Monumento, integrando a doca como espelho de água que, rematando a Alameda dos Descobrimentos, preservaria a memória do lugar tendo simultaneamente uma função urbanística de articulação do eixo da alameda com o rio.

... Rio esse que, a oeste, se encontra com o mar. A identidade de Vila do Conde, desenha-se através dessa ligação ao mar.

Porque pequeno era o concelho, sem terra agrícola suficiente correspondente às necessidades da população e condicionado o seu desenvolvimento pelo controlo senhorial<sup>15</sup>, do mar esperou então alimento e sonhos, privilégios de todos.

<sup>13</sup> Reportamo-nos à informação dada directamente pelo Arquitecto Maia Gomes e ao texto “O Projecto-Piloto Urbano de Vila do Conde: Viagem à Rosa dos Ventos”. In “Voyage à la Rose des Vents”. Soumission de Vila do Conde, Portugal, pour les nouveaux PPU(s). Vila do Conde: Câmara Municipal, [1996-1997], pp 44-55.

<sup>14</sup> POLÓNIA, Amélia – *Vila do Conde no período manuelino – a reconstrução da memória*. In “...A Igreja Nova que hora mandamos fazer...”. Quinhentos anos da Igreja Matriz de Vila do Conde. Vila do Conde: Câmara Municipal, 2002.

<sup>15</sup> Cf. POLÓNIA, Amélia – *Vila do Conde no período manuelino – a reconstrução da memória* e em *Vila do Conde: um porto nortenho na expansão ultramarina quinhentista*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1999, pp. 49-84.

A Praça D. João II comemora a contínua definição dessa identidade.



A partir da leitura da Memória Descritiva e de conversas com o escultor, tomamos contacto com a filosofia do projecto:

José Rodrigues pensou uma Praça/Monumento que concretizasse o seu entendimento dos objectivos e qualidades dos espaços urbanos públicos. Uma praça como um lugar de encontro e de estar. Ganhando sentido como elemento do tecido sócio-cultural envolvente seria um veículo para a compreensão desse tecido. A cidade deveria

presentir-se e sentir-se nas formas e nos símbolos .

Pretendeu relacionar a memória da Escola-Estaleiro, a Capela de Nossa Senhora do Socorro e a doca com os seus barcos, construindo um lugar de reconhecimento e conhecimento. Onde - atendendo ou não às indicações para leituras várias - fosse possível descansar, pensar, brincar ou passear. Onde fosse possível também realizar individualmente, ou não, acções ou eventos, onde fosse possível desenvolver actividades pedagógico-didácticas dirigidas a públicos específicos. Citando o escultor: “Ponto de referência, lugar de encontro, chamamento e reflexão, é também diálogo e lazer criativo para crianças e velhos. Praça-monumento é ponto de conciliação da natureza com o edificado”<sup>16</sup>.

[...] il ya en chaque homme un destin de la rêverie [...] <sup>17</sup>

José Rodrigues considerou Quatro Elementos estruturantes - a Memória, o Símbolo, o Conhecimento e a Água Viva. Associou à Memória, a Terra, a Natureza mas também a capacidade humana de criar. Ao Símbolo, associou o desejo, a vontade, a projecção no futuro. O Conhecimento entendeu como aquilo que de vital se integra, e permanece, das vivências dos seres humanos trazidas pelo tempo, nos diversos modos de cada tempo, até nós e a Água Viva, como energia que permite perspectivar o futuro. A partir destes elementos se definem as linhas de força do trabalho, objectualizadas nos vários componentes da estrutura da praça.

POLÓNIA, Amélia – *Vila do Conde no período manuelino – a reconstrução da memória*. In “...A Igreja Nova que hora mamdamos fazer...”. Quinhentos anos da Igreja Matriz de Vila do Conde. Vila do Conde: Câmara Municipal, 2002.

Compreendemos, a partir da leitura destes trabalhos, que o Mosteiro de Santa Clara, fundado em 1318 deteve, desde finais da década de sessenta ou início de setenta do século XIV a meados do século XVI, um forte poder tutelar, exercido em vários níveis: jurisdição cível e crime, controlo do poder municipal, direitos sobre a travessia do rio, a pesca e sobre o comércio através da alfândega privada já referida, constituindo-se assim como activo condicionador do desenvolvimento local.

D. Manuel, em 1502, de passagem para Santiago de Compostela, notou os recursos do porto e, considerando o seu interesse dentro do projecto de expansão, passou a apoiar o desenvolvimento da Vila, particularmente, através de um tributo sobre o consumo de “carne, vinho, sardinha, congro, pescada, lenha, cal e sal” – “A imposição da Igreja” que viria a financiar a construção da Igreja Matriz e várias outras iniciativas a nível do urbanismo e obras públicas.

<sup>16</sup> Cf. Memória Descritiva do Projecto “Praça/Monumento das Descobertas” em Vila do Conde. Agradecemos a José Rodrigues o acesso a este documento.

<sup>17</sup> Bachelard, Gaston – *La Poétique de la rêverie*. 5. ed. Paris: Quadrigue/Presses Universitaires de France, 1999, p.118.

Erguendo-se do rio, o **Mastro** de madeira projecta-se no espaço. Sintetiza noções como Princípio e Direcção, Rumo e Rota. O seu limite de metal, ponta que sulca o mar e o ar, ascende ao sol. As **Esferas** são uma metáfora do conhecimento. Têm inscritas cartas, roteiros, instrumentos de navegação. Fundamentam e asseguram a rota. Unem o conhecimento e o sonho. A **Sereia** canta e perturba, embala a embarcação e abraça a nostalgia do marinheiro. Os **Padrões**, evocando os continentes, são marca de passagem ou sinais de presença. A **Água**, espelho e percurso, oferece a imagem da realização futura, inspira a viagem. Marcas do trajecto desejado e realizado, o movimento da água ecoa nas **Ondulações** desenhadas no chão.

Como cortina para um cenário que se tem que abrir e atravessar quando se deixa o casario, as palmeiras fazem com o rio o envolvimento deste espaço cenográfico.

## A Pérola

Rotunda da Amizade, Macau



Fotografia: António Andrade

De acordo com despacho do Governador Rocha Vieira, em 1992, foi prevista a edificação de um monumento por ano, de 1993 a 1999<sup>18</sup>, da autoria de um artista português – neste sentido, o convite dirigido a José Rodrigues e a sua proposta apresentada em 1997.

José Rodrigues, olhou o rio e os declives da paisagem, o tecido urbano na sua diversidade. Compreendeu Macau como espaço de ligação. E inventou um jardim.

No trabalho de José Rodrigues está presente a tradição chinesa na organização do jardim como símbolo do universo, limiar entre a realidade espiritual e material e a sensibilidade plástica ocidental.

De acordo com uma história frequentemente referida, quando os portugueses chegaram ao promontório em frente ao templo Ma Kok, terão perguntado aos habitantes locais o nome do lugar. Não sendo bem compreendidos, a indicação que obtiveram foi do nome do templo – Ma Kok – e não do lugar. Daí os portugueses chamarem Macau (adaptando o som percebido) à terra que acabavam de conhecer. Mas, outra explicação nos importa, segundo a qual a origem do nome está na adaptação da palavra *A-ma-gao*, que significa “Baía de A-Ma”, “Porto de A-Ma” (“Porto da deusa A-Ma”), designação pela qual o lugar teria ficado conhecido. Por este motivo, Macau teria sido, inicialmente, chamada a “Povoação do Nome de Deus do Porto de Amacao na China”<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Outras obras realizadas na sequência desse despacho: de Charters de Almeida, *Porta do Entendimento*, Largo da Barra, inaugurada em Outubro de 1993; de Lagoa Henriques, *Grupo escultórico*, Largo das Ruínas de S Paulo, inaugurado em 10 de Junho de 1994; de Soares Branco, *Escultura*, inaugurada em 10 de Junho de 1995; de Zulmiro de Carvalho, *Arco do Oriente*, inaugurada em 10 de Junho de 1996, de Irene Vilar, *Abraço*, Jardim Luis de Camões, inaug. 10 de Junho de 1996. Cf. *Revista Macau* (Maio de 1977), p. 42.

<sup>19</sup> PEREIRA, Helena de Sousa – *Revisitar lendas e histórias de Macau*. Introdução da Proposta para o Monumento “A Pérola” na Rotunda da Amizade” em Macau, apresentada por José Rodrigues em 1997.

Por uma e por outra via, a história de A-Ma (a menina que, agradecendo a bondade de um negociante de chá – ou de um pescador - salvou a sua embarcação de um forte tufão e depois se transfigurou, revelando uma natureza não humana) está, desde então, presente na toponímia portuguesa<sup>20</sup>. A-Ma é Rainha dos Céus e protectora dos marinheiros.

## A Invenção de um Jardim

Entendemos “A Pérola” como um elemento de um jardim colocado no percurso da marginal do estuário do Rio das Pérolas.



Fotografia: António Andrade

duas das razões para a colocação de formas rochosas nos jardins<sup>22</sup>. O jardim tornava-se a terra mágica dos Xian.

Não se consome, assim, a evocação associada às rochas. São uma concentração das forças criativas e selvagens da natureza. E na desigualdade das suas dimensões se cria uma analogia social de complementaridade que ecoa a complementaridade entre os elementos naturais.

A água é o elemento indispensável para representar a natureza na sua totalidade, elemento de equilíbrio com a montanha. “The goodness of water is that it benefits the ten

Com o céu e o mar sob o olhar de A-Ma, lembramo-nos de uma outra associação, montanhas e água, significado literal do nome chinês para paisagem - Shan shui <sup>21</sup>.

As montanhas estão associadas às lendas dos Imortais. Seres encantados, capazes de voar e desaparecer no ar, vivem entre os pontos mais altos dos Himalaias e em ilhas no mar ocidental, inacessíveis aos humanos, envoltas em nevoeiro. No desejo de imortalidade e na tentativa de representar as casas dos imortais se pode encontrar

<sup>20</sup> No texto referido na nota anterior “Revisitar lendas e histórias de Macau” Helena de Sousa Pereira deu-nos a conhecer assim a lenda de A-Ma:

*Reza o romance marítimo da lenda que uma rapariga, natural de Fok Kin (Foquien), pretendia viajar do delta do Rio das Pérolas até à província de Kuangtung (Cantão). Tão insistentemente pedia passagem nos Taus, quanto insistentemente lha negavam, por estarem esses barcos cheios de passageiros e de carga. Finalmente, porém, um negociante de chá acabaria por compadecer-se das súplicas chorosas de A-Ma, a jovem moça, destinando-lhe, a troca das suas preces budistas, um canto na proa.*

*Ainda há pouco abandonado o porto, o junco foi sacudido por uma violenta tempestade, uma boca irada devorando, para sempre, barcos, tripulações e passageiros. O pânico instalou-se a bordo do junco. Desesperado, o capitão tentava arranjar à rapariga um lugar mais seguro quando, da proa, ela lhe pediu que não temesse e continuasse viagem. E assim foi. À deriva, torturado pelos ventos, açoitado pelas ondas, o barco abandonou-se à sorte a ao clamor da prece colectiva até que, ao dobrar um promontório, encontrou abrigo. Só ele chegara incólume ao ancoradouro da Barra – em Macau.*

*A rapariga, entretanto, desaparecera, e diz-se que os passageiros, que a procuravam em terra, encontraram uma deusa – o Pagode de Ma Kok e um idolo que lá se encontrava assinalam este episódio, perpetuado também pela imagem esculpida, numa rocha ali perto, do junco privilegiado, com uma faixa onde está inscrita a súplica de A-Ma ao capitão. Desde então, o lugar ficaria conhecido por A-Ma-Gao, a Bata ou porto de A-Ma.*

<sup>21</sup> KESWICK, Maggie – *The Chinese Garden: History, Art and Architecture*. London: Francis Lincoln, 2003, p. 170.

<sup>22</sup> Idem – *Ibidem*, p. 47.

thousand creatures, yet itself does not wrangle but is content with the places all men disdain. It is this that makes water so near to the Dao.”<sup>23</sup>

As superfícies reflectoras insinuam outras realidades no seu interior, em níveis mais profundos. “Uma vida eterna sob as ondas”, a imortalidade. E, simultaneamente, salpica de prateado as sequências de azuis e cinzentos do céu, evidenciando as permanentes alterações que fazem parte de todas as formas de existência.

Magie Keswick, na obra “The Chinese Gardens”, explica a simbologia da água e das rochas nos jardins chineses: espelho que reflecte sem distorções egoístas, simboliza a benevolência, a rectidão, a generosidade; é, também, inspiradora de valores de harmonia. Num outro registo, é bebida dos imortais, sangue da terra, força anímica, feminilidade.

Surge “sintetizada” na lua (a deusa da lua e da água coincidem frequentemente) e “cristalizada” na pérola. A pérola é a essência da lua solidificada.<sup>24</sup>

Mas o jardim é também símbolo do universo, contendo as “dez mil coisas”. Deve “incorporar” todas as experiências e todos os sentidos - elas expressam-se em sistema de polaridades (aspereza/ suavidade; solidez/fluxo; cheio/vazio) mas, também, através de um sistema de negações, em que um elemento ou qualidade refere o seu oposto ou a sua negação.

O ser humano, dependendo da natureza, tem em relação a ela e à vida, na cultura chinesa, uma posição de respeito mas não de passividade; sabe-se via para a manifestação e realização da própria natureza, “agente através do qual o abundante potencial da natureza pode ser plenamente concretizado”<sup>25</sup>.

Jardim e jardineiro diariamente se transformam.

Aproximamo-nos da Rotunda da Amizade. O conjunto escultórico logo oferece ao olhar um ponto-chave: o vermelho intenso de dois arcos que se cruzam perpendicularmente sobre uma esfera em metal polido, prateada. Surge como núcleo da composição e ponto a partir do qual parece organizar-se o espaço, pontuado por outras esferas-pérolas, entre desenhos de jardineiro-construtor que traçam na terra percursos ondulantes.

No horizonte, o rio, é espelho tranquilo do céu.

Como fluxo permanente, a água sustém no ar as esferas-pérolas. A lua lavando a sua alma na água clara...<sup>26</sup>

Outros níveis de interpretação de “A Pérola” são propostos por Jacinto Rodrigues no texto “A Mercurial obra de José Rodrigues”<sup>27</sup>.

Jacinto Rodrigues envia-nos para o livro *I Ching* do qual selecciona o seguinte excerto que orienta a sua interpretação dos arcos e da esfera:

<sup>23</sup> Idem – *Ibidem*, p. 184.

<sup>24</sup> Idem – *Ibidem*, p. 186.

<sup>25</sup> Idem- *Ibidem*, p. 39.

<sup>26</sup> Interpretação sugerida por uma referência literária (não identificada) que terá inspirado Ji Chen na obra *Yuan Ye*, considerado um texto teórico de referência sobre os jardins chineses, publicado cerca de 1635: um jovem, sentado no pavilhão junto ao lago de um jardim, observava na água os reflexos da lua. Este episódio seria assim recriado em *Yuan Ye*: “The moon shines through the willow trees by the pond when it washes its soul in the clear water (one might have entered the garden through a moon gate on the way to see this).” In KESWICK, Maggie – *The Chinese Garden: History, Art and Architecture*. London : Francis Lincoln, 2003, p.186.

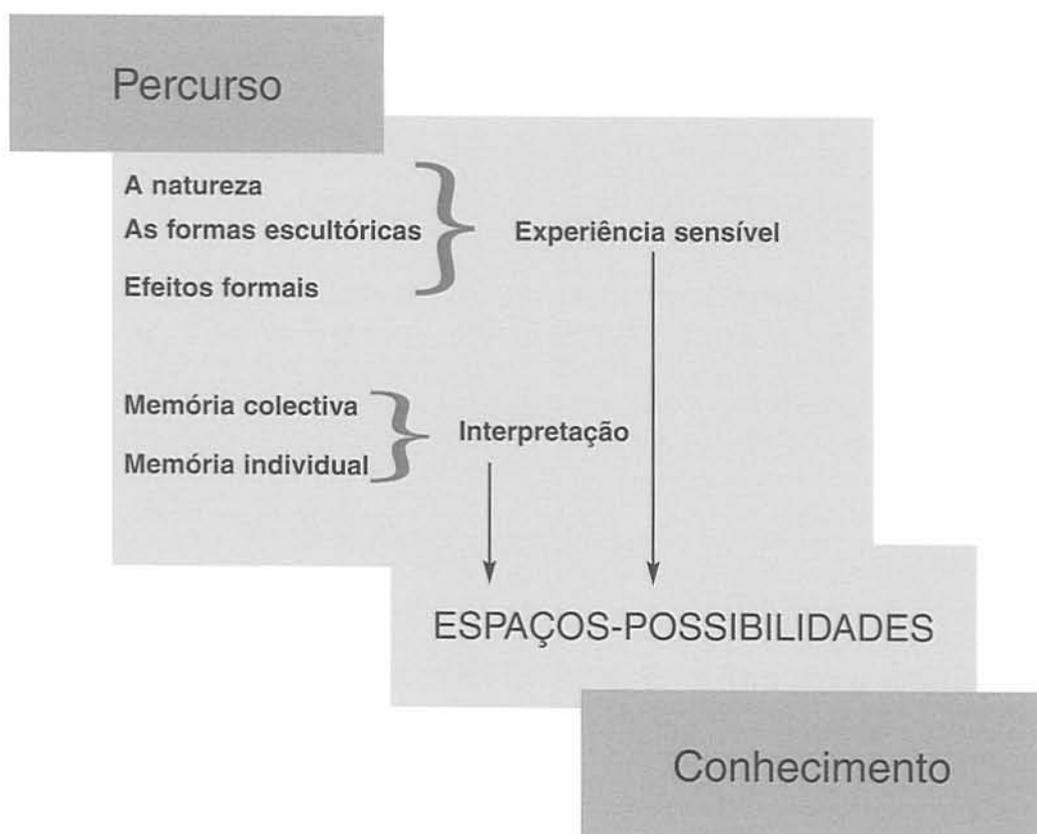
<sup>27</sup> Texto destinado a integrar uma publicação sobre o monumento “A Pérola” até ao presente momento não concretizada.

“No princípio está o supremo-último (o Tai Chi) que gera dois modos primários. Os dois modos primários produzem quatro formas. As quatro formas dão origem a oito elementos. Os oito elementos determinam o bem e o mal e a vida em toda a sua complexidade”

Seguindo o pensamento de Jacinto Rodrigues, os dois Arcos definem um ponto central, indicador desse supremo-último, razão de toda a harmonia. Acompanhando o olhar, as quatro direcções correspondentes aos pontos cardeais são pensadas como os “quatro começos”.

Uma outra história dentro desta maior, o encontro dos dois povos, das duas culturas, a condição de Macau como *Porta* de ligação entre o mundo oriental e ocidental.

Em síntese, a orientação desta reflexão:



Nota: Suporte musical da apresentação da comunicação:  
 António Pinho Vargas, *A Luz e a Escuridão*, *Brinquedos* (interpretação de Maria João)  
 Rodrigo Leão, *Cinema*, *Memórias*.



